

C	A	M	I	N	H	O	S
C	R	U	Z	A	D	O	S

LINGUAGEM

ANTROPOLOGIA

CIÊNCIAS NATURAIS



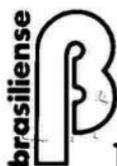
ALEXANDRE EULALIO  
BERTA WALDMAN / CARLOS VOGT  
EDWARD MACRAE / GILBERTO VELHO  
MARCIO D'OLNE CAMPOS  
MARIZA CORRÊA / PETER FRY

**editora brasiliense**

Alexandre Eulalio • Berta Waldman • Carlos Vogt •  
Edward MacRae • Gilberto Velho • Marcio D'Olive Campos •  
Marisa Corrêa • Peter Fry

# Caminhos Cruzados

Linguagem, Antropologia  
e Ciências Naturais



1982

centenário de monteiro lobato

Copyright © dos Autores

Os textos apresentados neste livro foram elaborados a partir de três atividades realizadas durante a 34.ª Reunião da SBPC, sediada em Campinas (Achados e Perdidos, Caminhos Cruzados e Sexualidade no Brasil).

Capa:

João Batista da Costa Aguiar

Revisão:

João B. Medeiros

Jane S. Coelho

## Índice

Caminhos cruzando-se — <i>Carlos Vogt</i> .....	7
O dizer e o fazer da linguagem ou: façam o que eu digo, mas não digam o que eu faço — <i>Carlos Vogt</i> .....	9
Saber mágico, saber empírico e outros saberes na Ilha dos Búzios — <i>Marcio D'Olne Campos</i> .....	23
Léonie, Pombinha, Amaro e Aleixo: prostituição, homossexualidade e raça em dois romances naturalistas — <i>Peter Fry</i> .....	33
Antropologia & medicina legal: variações em torno de um mito — <i>Mariza Corrêa</i> .....	53
Febrônio Índio do Brasil: onde cruzam a psiquiatria, a profecia, a homossexualidade e a lei — <i>Peter Fry</i> .....	65
Literatura e desvio: questões para a antropologia — <i>Gilberto Velho</i> .....	81
A pose, a cópia, o cafajeste — <i>Berta Waldman e Carlos Vogt</i> .....	89
Os respeitáveis militantes e as bichas loucas — <i>Edward MacRae</i> .....	99
A beira da estrada ou: O outro recado do morro — <i>Alexandre Eulalio</i> .....	113



editora brasiliense s.a.  
01223 — r. general jardim, 160  
são paulo — brasil

- Barbosa, F. de A. (1978), "Prólogo" a Lima Barreto (1978: IX-XXXV).
- Bilac, Olavo (1928), *Poesias*, 13.ª edição, Francisco Alves, Rio de Janeiro.
- Freyre, Gilberto (1981), *Casa-Grande & Senzala*, 21.ª edição, José Olympio, Rio de Janeiro.
- Gandavo, Pero M. de (1858), História da Província de Santa Cruz, *Revista do IHGB*, vol. XXI, Rio de Janeiro.
- Lima Barreto (1956), *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*, Brasiliense, São Paulo.
- (1956), *Triste Fim de Policarpo Quaresma*, Brasiliense, São Paulo.
- (1978), *Das Novelas — Recuerdos del Escribiente Isaías Caminha & El Triste Fin de Policarpo Quaresma* — Biblioteca Ayacucho, Caracas.
- Machado de Assis (1962), *Esaú e Jacó, Obra Completa*, vol. I, Aguilar, Rio de Janeiro.
- Martins, W. (1977), *História da Inteligência do Brasil*, vol. I (1550-1794), Cultrix, São Paulo.
- Mattoso, Câmara Jr. (1977), *Introdução às línguas indígenas' brasileiras*, Ao Livro Técnico & INL-MEC, Rio de Janeiro.
- Melatti, J. C. (1980), *Índios do Brasil*, 3.ª edição, Hucitec & INL-MEC, Rio de Janeiro.
- Monteiro Lobato (1940), *Contos Pesados, Urupês, Negrinha e O Macaco Que Se Fez Homem*, Nacional, São Paulo.
- Pinto, Edith P. (1981), *O Português do Brasil, Textos críticos e teóricos*, vol. 2 — 1920-1945 — *Fontes para a teoria e a história*, Edusp, São Paulo.
- Pontes de Miranda (1953), *Comentários à Constituição de 1946*, 2.ª edição (rev. e aum.), vol. V, Max Limonad, São Paulo.
- Ribeiro, João (1921), *A Língua Nacional*, ed. da Revista do Brasil, São Paulo.
- Sousa, Gabriel S. de (1938), *Tratado Descritivo do Brasil em 1587*, 3.ª edição, Nacional, São Paulo.

## Saber mágico, saber empírico e outros saberes na Ilha dos Búzios

Marcio D'Olne Campos

A leste da Ilha de São Sebastião surge do oceano uma montanha. A exuberância de sua vegetação mal deixa entrever seus moinhos de farinha e suas casas habitadas por pouco mais de uma centena de caiçaras originários do Vale do Paraíba e de portos vizinhos como Ubatuba e São Sebastião. É a Ilha dos Búzios.

Quando, em 1902, Euclides da Cunha a visitou em missão oficial para avaliar a possibilidade de transformá-la numa colônia penal nela encontrou uma população de 358 habitantes que constituía suas 52 famílias. Naquela época, relata o visitante, o solo da Ilha parecia já ter sido cultivado há cerca de duzentos anos, apresentando até os indícios de uma intensa agricultura de café que naquele momento encontrava-se em extinção em virtude de pragas que parecem ter contribuído para provocar uma transição da atividade agrícola para uma atividade de pesca.

Antes mesmo de 1902, podia-se notar o declínio da cultura do café e da cana-de-açúcar, quando, em meados do século XIX, importantes vias de acesso foram construídas entre Santos, São Paulo e Rio de Janeiro. Com isso, apenas os dois grandes portos passaram a concentrar população e escoamento de produção agrícola em detrimento do progresso de outros portos ligados às velhas cidades do litoral.

Ao final do século XIX, exceção feita àqueles velhos portos, as atividades econômicas das populações costeiras reduziram-

se quase ao nível da subsistência. Ainda hoje perdura essa situação em algumas localidades que, embora no litoral entre o Rio de Janeiro e Santos, permaneceram relativamente isoladas. Isso se verifica, ainda de modo mais manifesto, nas ilhas próximas da costa.

Em raras ocasiões, a não ser para a pesca, o caiçara se afasta da Ilha, o que lhe permite manter um estreito contato com a natureza. A riqueza dessa relação homem-natureza está muito bem expressa por Gioconda Mussolini em um dos seus trabalhos sobre a cultura dessas populações litorâneas:

“Do tipo de vida fechada que se desenvolveu no litoral, com poucos contatos com o mundo de fora, ou recebendo dele um mínimo de influências e produtos, por não se dispor de meio aquisitivo, resultou um aproveitamento intensivo, quase exclusivo e mesmo abusivo dos recursos do meio, criando-se, por assim dizer, uma intimidade muito pronunciada entre o homem e seu habitat. Conhece o homem muito bem as propriedades das plantas ao seu redor — para remédios, para construções, para canoas, para jangadas — bem como os fenômenos naturais presos à terra e ao mar que o norteia no sistema de vida anfíbia que leva, dividindo suas atividades entre a pesca e a agricultura de pequeno vulto, com poucos excedentes para a troca ou para a venda: os ventos, os ‘movimentos’ das águas, os hábitos dos peixes, seu periodismo, a época e a lua adequadas para pôr abaixo uma árvore ou lançar à terra uma semente ou u’a muda ou colher o que plantou”.

Em seu livro *Buzios Island*, relata Emílio Willems que quando ali chegou, em 1947, encontrou a única atividade comercial entre a ilha e o litoral mantida por Pedro Gomes: comerciantes do litoral chegavam à Ilha com mantimentos e outras mercadorias que eram trocadas por limo, uma alga que os imigrantes japoneses mostraram aos caiçaras como colher e tratar e que passou a ser vendida para fins industriais em Santos. Essas mercadorias eram sobretudo negociadas num comércio de trocas com o qual os ilhéus, que recolhiam o limo para Pedro Gomes, estavam acostumados.

Hoje em dia encontram-se distribuídas pela Ilha umas três ou quatro vendas de propriedade de caiçaras que possuem embarcações maiores a motor. Com esses barcos são trazidas mercadorias, além de blocos de gelo usados pelos comerciantes no armazenamento do produto da pesca dos outros caiçaras. Esse processo parece ser um importante fator na estratificação social dessa comunidade com o aparecimento da figura do intermediário, o *rico* explorador, do pescador *pobre*, no dizer de Maneco, jovem pescador com seus vinte e cinco anos e muitos lamentos devidos à preferência das moças de Búzios pelos casamentos com os rapazes do continente.

Seu Aristides é dono de uma dessas bibocas da Ilha dos Búzios, situada nas cercanias de Porto do Meio. Com ele, o freguês ou passante pode encontrar gêneros alimentícios e outras mercadorias, além de um bom papo acompanhado de cerveja ou caninha. Não faltam também a esse local de paragem nas andanças pelas trilhas as receitas e remédios da medicina rústica, alguns dos quais estão disponíveis no local.

Numa conversa com Seu Aristides, ele nos mostra uma pedra polida de forma ovalada e aspecto ferroso — aparentemente um machado de origem tupinambá destacado de seu cabo — que lhe foi presenteada por um amigo como sendo uma *pedra de raio*.

*Pedra de raio, pedra de luz, pedra de fogo, dentes de raio* ou *machado de Deus* são expressões equivalentes utilizadas pelos homens de épocas posteriores para designar os utensílios de sílex e ferramentas neolíticas. Pelo menos desde a Antiguidade, é crença geral que os locais onde se encontram essas pedras foram atingidos pelo raio.

Seu Aristides conta que essa pedra, se enrolada por um fio qualquer de pesca, quando atirada ao fogo tem o poder de conservar o fio inalterado quando o conjunto é retirado da fogueira. Ele sustenta que a experiência funcional, afirmando que a “pedra sai vermelhinha e o fio bonzinho”. No entanto, ao ser indagado se o fenômeno descrito foi por ele observado, respondeu que não, atribuindo o teste experimental a outros e afirmando que “o pessoal já experimentou”.

Próximo a Seu Aristides mora seu filho Vicente, que, durante uma conversa em que se falou das pedras de raio, reproduziu o mesmo relato do pai atribuindo à pedra os mesmos poderes. Desta vez, no entanto, o responsável pela experiência passou a ser o último informante sobre o fenômeno, ou seja, seu pai Aristides.

Existem nesse relato pelo menos dois aspectos que nos atraem a atenção, se pensarmos na seqüência de transmissão do saber por ele sugerido. Por um lado, conservam-se os poderes da pedra de raio assim como a descrição de uma experiência — de certa forma mágica, ritual — que talvez nunca tenha sido realizada. O aspecto mágico se manifesta aqui de forma simbólica, como mediador social através da linguagem, não por magias praticadas. Por outro lado, são tentadoras as analogias com os processos de educação formal, especialmente em Ciências Naturais, comuns à nossa sociedade, reconhecida como de tradição científica.

As pedras de raio são associadas aos relâmpagos, isto é, a uma origem celeste, assim também e, por mais forte razão, os meteoros. De qualquer modo, a valorização religiosa sempre esteve presente nas mais diversas culturas, pois por caírem dos céus estes objetos atingem a Terra impregnados de sacralidade. Como comenta Mircea Eliade num fascinante trabalho a respeito de rituais e mitos próprios aos mineiros e ferreiros:

“Trata-se do respeito sagrado por um objeto ‘estranho’, que não pertence ao universo familiar, que vem de ‘outra parte’ e é, portanto, ‘um sinal do além’, uma imagem aproximada da transcendência. Isso é evidente em culturas que, há muito tempo, conhecem o uso do ferro terrestre: nelas ainda persiste a lembrança fabulosa do ‘metal celeste’, a crença em seus prestígios ocultos”.

De fato, diante de nossa surpresa com a afirmação de que o fio não se queima, Seu Aristides completa dizendo: “É, num queima o fio, num sei, (...), vem da trevoada, (...), diz que a trevoada é que joga isso aí”. Ao perguntarmos a Vicente se qualquer pessoa poderia ter sucesso no experimento, ele observa: “Agora que num sei, né? Acreditando... As criança já fizeram e meu pai já tem feito isso aí”.

Por um processo metonímico de denominação, a pedra é de fogo, de raio e, simbolicamente, jogá-la à fogueira não acarretaria nenhum efeito novo: o fio que já não se queimara quando enrolado à pedra pode assim permanecer intacto.

Tanto a idéia da origem celeste dos poderes da pedra, quanto a importância da crença associada a esse fenômeno, aparecem como essenciais aos habitantes de Búzios nos relatos da experiência mágica, sempre observada pelos seus informantes, nunca por eles próprios ao fazerem o relato. Isso parece contribuir não só para a manutenção de uma tradição à qual eles estão apegados, como também para a configuração da identidade própria desse grupo social. Provavelmente a experiência nunca foi tentada e nunca será. A uma forma de elaboração de saber que se aproxima dessas características chamaremos “saber mágico”.

Sob que aspectos esse saber mágico poderia apresentar analogias com os processos institucionalizados da educação formal? Vimos no que foi descrito o quanto, na seqüência de transmissão de informações, é mais conveniente, e quem sabe seguro, atribuir o teste experimental ao informante anterior, em vez de executá-lo por si próprio. É muito freqüente, particularmente no ensino das Ciências Naturais, apresentar-se apenas o enunciado de certas experiências que venham a corroborar uma teoria exposta. Apesar dessa prática ser quase inevitável diante da quantidade de informação a ser transmitida, muitas vezes nós, professores, esperamos que os alunos nos façam fé ainda que as experiências em questão não tenham sido feitas ou presenciadas por nós.

Nesse sentido, lembramos a escola clássica grega cujas explicações dos fenômenos naturais observados eram subordinadas a teorias elaboradas *a priori*, sem a necessidade de que estas fossem verificadas ou falseadas pelo teste experimental. Assim, em diferentes contextos históricos ou sociais e em vários níveis da estratificação do saber, quem sabe é sempre suposto conhecer, ainda que nem sempre tenha visto ou querido ver o fenômeno em questão. É cheia de sentido aqui a observação de Oswald de Andrade: “A gente escreve o que ouve — nunca o que houve”.

Quais os processos em que, a partir de uma atitude contemplativa com relação à natureza, um ou vários fenômenos se submetem à constatação, observação e elaboração de conhecimento? No caso das civilizações caiçaras esses processos se associam em geral a fenômenos ligados com suas práticas cotidianas de pesca, de agricultura, onde se faz necessário o uso de vários "relógios" naturais, os quais são muitas vezes associados aos movimentos dos astros. Chamemos "saber empírico" a essa forma de elaboração de conhecimento.

Como podemos encontrá-lo?

Desta vez, a conversa se deu durante uma caminhada a partir do Saco da Guanxuma onde estávamos abrigados na única escola da Ilha, já há alguns dias sem professor, o que não é incomum nesse local. Iamos na direção oposta àquela em que encontramos Seu Aristides e também aqui nos acompanhavam Haroldo e Luís, dois rapazes beirando os dezessete anos, bons contadores de casos sobre Búzios, que nos guiavam pelas trilhas e rochedos com uma presteza que não nos era nada peculiar.

A meio caminho do Saco da Mãe Joana, conhecemos Seu Oscar e Dona Pedrina. Ela, mostrando-se um tanto receosa do muito ou do demasiado que o marido pudesse nos contar. Ele, muito falante, se apresenta como Oscar, Infeliz de Sorte, nos seus sessenta e um anos.

Fomos todos, menos Dona Pedrina, levados por ele para o interior da Casa da Farinha. Lá ouvimos muitas histórias sobre o passado da Ilha e nessa conversa Seu Oscar falava também de suas atividades do dia-a-dia onde transpareciam, na sua relação com a natureza, suas qualidades de atento observador da mesma.

Em determinado momento, Seu Oscar explica como ele retira o limo — a alga a que nos referimos antes — que se esconde durante a maré alta: "quando não tem Lua o mar sempre tá grande e ele tá no fundo, depois quando tem Lua ele aparece, aí a gente tira ele". Essa é uma referência à Lua Nova que, alinhada com o Sol, se coloca de um mesmo lado com relação à Terra para produzir marés vinte por cento mais altas do que a média. A referência a *quando tem Lua* corresponde ao período

em torno do quarto crescente onde as marés estão vinte por cento mais baixas que a média.

Seu Oscar usa como referência não só o aspecto da Lua durante as suas fases, mas também seu movimento com relação às posições do Sol durante o dia e durante as estações do ano. Para indicar o momento apropriado de colheita do limo ele se refere à fase crescente, cujo nascimento da Lua se dá por volta das nove horas da manhã, ou seja: a Lua "sai atrás acompanhando (o Sol), não na linha do Sol n'ê? Mas sai".

Diante da idéia de "linha do Sol", tentamos insistir sobre ela no sentido de entender a sua percepção da evolução da trajetória aparente do Sol — aparente para nós que admitimos o paradigma heliocêntrico. Para Seu Oscar esta é a trajetória real. Nesse momento a sua fala refletiu não só segurança no conhecimento da questão, como também preconceito sobre o ensino instituído: "Oh! Aqui andou um professor, sabe? Que me dizendo que a Lua, o Sol têm um só caminho, ainda mediu com as ferramentas. Tem mais de trinta caminho. ... (*risos*) ... Não, o Sol, a Lua, têm mais de trinta, têm mais caminho que eu pra roça, o homem tava num sei com'ê, (*risos*), um velhote, um estudante (*risos*)".

A partir daí, Seu Oscar passa a descrever os vários caminhos do Sol, mostrando também o deslocamento da nascente em função das estações.

Esse encontro se dá no início de junho, ou seja, poucos dias antes do inverno, onde o Sol "vai passando ca pr'o norte, ele vai abaixando. Agora, agora vai abaixá mesmo", até que no dia 21 de junho tem-se o dia mais curto do ano.

Descrevendo o caminho do Sol, Seu Oscar toma acidentes geográficos como referência espacial na medida em que estes lhe sejam familiares: "É, o Sol no tempo frio vai sair aqui por cima da Vitória. Quando chega tempo quente, no mês de janeiro, você pra enxergar o Sol sai cá embaixo".

A Ilha da Vitória se situa a nordeste da de Búzios e, juntas, foram os postos mais avançados dos vigias/que iludiam a severa fiscalização dos cruzeiros ingleses sobre o tráfico de escravos após a vigência do Bill Aberdeen em 1845. Além dessa im-

tância histórica, que se manifesta na memória caçara por várias lembranças, como a da Pedra do Vigia, laços afetivos e de parentesco ligam muito os habitantes das duas Ilhas.

Embora Seu Oscar tenha familiaridade com os tradicionais pontos cardinais, é interessante a referência à Ilha da Vitória como marco do solstício de inverno. Em outras sociedades relativamente isoladas a associação de acidentes geográficos como indicadores de eventos importantes durante o ano solar é uma prática comum. No Arizona os índios Hopi-Navajo caracterizam importantes dias do seu calendário através do nascer e do pôr do Sol por trás dos variados picos e vales de seu horizonte.

Durante toda a conversa as alusões aos movimentos dos astros levam em conta que estes são observados a partir da Terra como referencial de observação. Ou seja, após o abandono do geocentrismo com sua substituição pelo paradigma heliocêntrico de Copérnico, as sociedades de tradição científica passaram a tomar o Astro-Rei como centro. Conscientes disso, os astrônomos percorrem os caminhos do Sol e de outros astros a partir da Terra, ou seja, geocentricamente; no entanto, quando necessário, mudam de referencial.

E Seu Oscar?

Seu Oscar, sobretudo justificado pelo contexto em que vive, parece prescindir totalmente do heliocentrismo. É um observador no referencial terrestre, que para ele se mantém imóvel.

De fato, em determinado momento de nosso encontro na Casa da Farinha, Luís, cuja juventude provavelmente permite aceitar algumas informações surpreendentemente novas para o contexto em que vive, afirma com grande convicção: "ele gira, o Mundo, ele gira".

Nesse instante Seu Oscar reage intensa e também convictamente contestando Luís. De sua fala rapidíssima jorravam as palavras das quais podia-se pelo menos depreender que um absurdo foi pronunciado, que o Mundo não gira, pois se assim fosse, Seu Oscar, tendo ido trabalhar na sua plantação de mandioca em determinado dia, no dia seguinte não a encontraria mais no mesmo local.

Fora o surgimento dessa nova idéia de um referencial "ego-cêntrico" do qual se veria o mundo girar sem que nós próprios estivéssemos girando, a sabedoria de Seu Oscar conserva certas analogias com as maneiras de ver-o-mundo anteriores à revolução científica proporcionada por Copérnico no século XVI.

Reportando essas idéias num trecho de seu livro *The Copernican Revolution*, comenta o historiador da ciência T. S. Kuhn: "Nossos sentidos dizem tudo que nós sabemos sobre movimento, e eles indicam a inexistência de movimento para a Terra. Até que ele seja reeducado, o senso comum nos diz que, se a Terra está em movimento, então o ar, nuvens, pássaros e outros objetos não ligados à Terra devem ser deixados para trás. . . . Já que nenhum desses efeitos é visto, a Terra está em repouso. Observação e razão combinaram-se para prová-lo".

Independentemente de juízos de valor, todos são saberes, refletindo vivências, maneiras de ver e interagir com o mundo. Quer se trate de um saber mágico, de um saber empírico, de conhecimento científico ou não, essa vivência com os caçaras enriquece nossa reflexão sobre os vários matizes entre um saber e um conhecimento. Lembrando Hanson na análise de *Padrões da Descoberta*, várias são as maneiras de ver os fenômenos, de "ver" simplesmente, de "ver como", de "ver que", e de "ver assim", enfim de fazer com que observações sejam coerentes com um conjunto de conhecimentos estabelecidos em determinados contextos históricos ou sociais. Segundo Wittgenstein: "O que os homens aceitam como justificativa, mostra como eles vivem e pensam".

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Andrade, José Oswald de Sousa, *apud*: Maria Augusta Fonseca, 1980, *Palhaço da Burguesia*, Livraria e Editora Polis Ltda., São Paulo.
- Cunha, Euclides da, 1944, *Ilha dos Búzios*, Anais do Nono Congresso Brasileiro de Geografia, vol. V, Rio de Janeiro.
- Eliade, Mircea, 1979, *Ferreiros e Alquimistas*, Zahar Editores, Rio de Janeiro.